

CARRETEL

F U N D A Ç Ã O I B E R Ê



#2 JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
2019



FOTO: NILTON SANTOLINI

#06

Daniel Senise
1.587 estórias

#08

Wesley Duke Lee
A zona: A vida e
A morte

#10

Exposição Selfie:
Iberê em modo
retrato

+

+ Xadalu + Bienal de Veneza
+ Grupo de Bagé + Cine Iberê
+ Itinerância Bienal de São Paulo

Cultura para todos

A arte é uma arma poderosa na transformação do ser humano. É conhecimento, faz refletir, enxergar novas possibilidades e, acima de tudo, criar igualdade de oportunidades.

Para tanto, as instituições culturais precisam ser muito mais que portas abertas. Têm que ser criativas, facilitadoras e ir ao encontro das comunidades no seu entorno. Buscar e envolver novos públicos que, muitas vezes, nunca tiveram acesso à arte. Esse é o principal objetivo da Fundação Iberê em 2019. O resultado do primeiro semestre mostrou que a instituição está no caminho certo. Voltou a abrir suas portas durante a semana, está presente no turno inverso de seis escolas municipais e retomou a Residência Artística do Ateliê de Gravura.

Nos primeiros semestre de 2019, a instituição teve um crescimento de público superior a 40%, em relação ao mesmo período do ano passado. Para os próximos meses, a expectativa é superar significativamente esse percentual com as exposições e atividades programadas, com espaços bem cuidados e uma equipe treinada para receber o visitante.

Reitero: a valorização da cultura é fundamental para que os espaços se reinventem e se tornem relevantes à vida das pessoas. A Fundação Iberê está cumprindo seu papel ao democratizar a arte por meio da gratuidade, da acessibilidade e ao promover a inclusão social. A nossa forma de fazer cultura é para todos.

JORGE GERDAU JOHANNPETER
Presidente do Conselho da Fundação Iberê



Conselheiros

Jorge Gerdau Johannpeter,
Presidente

Arthur Bender Filho

Beatriz Bier Johannpeter

Fábio Brun Goldschmidt

Fernando Antônio Lucchese

Fernando Luís Schüller

Hermes Gazzola

Jayme Sirotsky

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Tárik Potthoff

Wagner Luciano dos Santos

Machado

William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang, *Diretor-Presidente*

Antônio Augusto Pinent Tigre

Anik Ferreira Suzuki

Carlos Cesar Pilla

Daniel Skowronsky

Ingrid de Kroes

Patrick Lucchese

Rodrigo Azevedo Pereira

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emílio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Outeiro

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

Educativo

Lêda Fonseca, *Consultora*

Larissa Fauri, *Coordenadora*

Bruna Chiesa, *Mediadora*

Carolina Kneipp, *Mediadora*

Daniele Niewinski, *Mediadora*

Gabriel Farias, *Mediador*

Marina Malcon, *Mediadora*

Milena Fernandes, *Mediadora*

Pietro Costa, *Mediador*

Sofia Rossatto, *Mediadora*

Patrocínios e Parcerias

Bruna Stern

Comunicação

Arthur Marques

Assessoria de Imprensa

Roberta Amaral

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Domeles

Joice Souza

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Produção

Lucas Schultz

Clube Iberê

Maria Luiza Sacknies

Manutenção

Arnaldo Henrique Michel

Secretaria

Luciane Zwetsch

Operação

Gunther Natusch

Recepção

João Petrillo

Zeladoria

Maria Lunardi

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emílio Kalil

Roberta Amaral

Projeto gráfico e

diagramação

POMO estúdio

Conselho Editorial

Adriana Martorano

Luiz Gonzaga Lopes

Roger Lerina

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

Horário de visitação
das 14h às 19h
 ltimo acesso às 18h30min

QUARTA A
DOMINGO

FUNDA O

COMO CHEGAR

A Fundação Iberê dispõe de estacionamento pago, operado pela Safe Park.

As linhas regulares de lotação que vão  t  a Zona Sul de Porto Alegre param em frente ao prédio, assim como as linhas de  nibus Serraria 179 e Serraria 179.5.   possível tom -las a partir do centro da cidade ou em frente ao shopping Praia de Belas. O retorno pode ser feito a partir do Barra Shopping Sul, por onde passam diversas linhas de ônibus com destino a outros pontos da cidade.

PEDESTRES E CICLISTAS

existe uma passagem para que pedestres e ciclistas possam atravessar a via em segurança. A passarela   acessada pelo portão de entrada do estacionamento. A Fundação também dispõe de um bicicletário, localizado nos fundos do prédio.

Fundação Iberê

Av. Padre Cacique, 2000 | +55 (51) 3247 8001 | Porto Alegre/RS

A Fundação Iberê Camargo também atende a grupos agendados. Para fazer um agendamento, basta ligar para o Programa Educativo (51) 3247 8000



Alunos da EMEF Gabriel Obino realizam a primeira visita à Fundação Iberê
Foto: Manoelle Duarte/SMED PMPA

Arte no turno inverso de escolas da Capital

Houve um tempo em que um dos maiores problemas da educação no país era o fato de não ter escolas suficientes para todas as crianças. Hoje, é preencher o tempo delas com atividades que instiguem a busca pelo conhecimento e qualifiquem o processo de aprendizagem com a vivência de diferentes linguagens artísticas. Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. Um trabalho social pensado para um todo. Este também é o papel da Fundação Iberê.

Selecionada no edital da Prefeitura de Porto Alegre para oferecer atividades no turno inverso das escolas municipais, desde junho, cinco dias da semana, a Fundação Iberê está presente em seis instituições de ensino com dez educadores desenvolvendo atividades que passam por quatro eixos de ensino: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível. Duas vezes por semana, artistas-oficineiros são convidados para trabalhar arquitetura, escultura, desenho e pintura, artes cênicas, música, tecnologias criativas e mídias digitais. Neste projeto-piloto, 250 crianças estão vivenciando uma visão empreendedora fundamental para seu desenvolvimento, mas também da comunidade onde vive.

Ao final do ano letivo, cada escola terá seu sucatório, um espaço expositivo e uma nova ambientação na biblioteca. “Nossa metodologia possibilitará o desenvolvimento de competências para as profissões do futuro: trabalho em equipe, protagonismo, colaboração, desenvolvimento do senso ético e estético, criatividade, empreendedorismo pessoal e autoestima”, explica Lêda Fonseca, coordenadora do projeto.

IBERÊ NAS ESCOLAS

Escolas beneficiadas:

Lidovino Fanton 1º ano
Leocádia Felizardo Prestes 2º a 5º ano
Gabriel Obino 3º ano
Martim Aranha 1º ano
Victor Issler 4º ano
Neusa Goulart Brizola 7º a 9º ano

A medida do encantamento



Um menino com sede. Um menino de rua que entra no CCBB, no centro do Rio de Janeiro, para matar sua sede. E descobriu um outro universo, tão distante do seu. Dona Tânia lhe dava também convites para assistir aos espetáculos. E assim, o menino foi descobrindo algo que já trazia em si mesmo. Hoje, Adilson Dias da Silva é diretor de teatro, artista plástico, professor.

Um pequeno vídeo na TV emociona, porque traz uma bela história humana e humanizadora e nos dá a pensar com Manoel de Barros: “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Encantamento trazido por um lugar e algumas pessoas acolhedoras. Um lugar considerado um casarão pelos meninos, um prédio majestoso

construído em 1906 para ser a sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro, na região central da mesma cidade. “Eu olhava para aquele piso e parecia que eu não era digno de pisar naquele piso”, diz Adilson.

Este distanciamento inicial não é raro em outros tantos espaços. Percebo em estudantes, futuros professores em formação com os quais convivo, que há uma sensação de distanciamento na própria pessoa que não percebe que vive imersa em bens culturais, não valoriza a própria cultura. O distanciamento também pode ser das instituições culturais, oferecendo espaços restritos para escolas, famílias ou comunidade, ou fechando-se sobre si mesmas. É por isso que o projeto Iberê nas Escolas é uma ação feliz e necessária. O museu sai de seu portal, para encontrar e agir em outros territórios.

Temos de alimentar a força inventiva e criadora que se fortalece na vida cultural para que não fique amortecida. As ações mediadoras, impulsionadas pelo exercício da escuta e do silêncio hão de produzir estesias, contrária à anestesia.

Estesias para se encantar e para estranhar, para explorar o mundo e agir para melhorá-lo. E temos de começar por nós mesmos e por quem está próximo de nós. Que tal convidar alguém para visitar um museu neste fim de semana? Ou para ir a um espetáculo de dança, de música, de teatro? Ou andar pela cidade com um olhar estrangeiro, como se fosse a primeira vez?

Continuemos como ciclistas, descobrindo o mundo...



“Sem título”, 1991, Iberê Camargo, coleção Maria Coussirat Camargo, Fundação Iberê / Foto: Rômulo Fialdini



Sou um andante. Carrego comigo o fardo do meu passado. Minha bagagem são os meus sonhos. Como meus ciclistas, cruzo desertos e busco horizontes que recuam e se apagam nas brumas da incerteza.

IBERÊ CAMARGO

MIRIAN CELESTE MARTINS

Escritora e professora do curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde coordena o Grupo de Pesquisa GPAP- Arte na Pedagogia e GPeMC - mediação cultural: provocações e contaminações estéticas.

ENTREVISTA

Daniel Senise

Artista traz ao Iberê
1.587 histórias de vidas
marcadas em lençóis brancos

Lençóis brancos impregnados de memórias, dores e amores compõem a exposição “Antes da Palavra”, de Daniel Senise. Tudo começou em 1993, quando o artista carioca doou os tecidos ao Instituto Nacional do Câncer e a um motel no Rio de Janeiro, onde foram utilizados e devolvidos seis meses depois, ao final de vida útil. Com o auxílio de um matemático, obteve o cálculo de pessoas que passaram por eles: “Branco 462”, referente à movimentação no hospital, e “Branco 2430”, no motel. Somadas, as cifras chegam aos “2.892”, que deu nome à instalação.

Senise pouco interferiu na maculada imensidão branca, de onde saltam imagens mentais de histórias pessoais desconhecidas. São presenças/ausências, resíduos, registros, lembranças, momentos de muito amor, mas também de muita dor. Duas obras amparadas, conceitual e visualmente, na concretude abstrata de dados estatísticos que representam momentos de vidas. “2.892” foi produzida e apresentada pela em 2011, no Rio de Janeiro. Agora, a Fundação Iberê recebe uma nova versão da obra intitulada “1.587”.

A investigação de Daniel Senise remete a questões da pintura e da história da arte, como representação, ilusão, tradição artística e conceitualismo, ao mesmo tempo que aponta para temas como espacialização da obra de arte, arquitetura, memória, cultura, vanitas. Em diálogo com a exposição, a curadora Daniela Labra convidou seis músicos que pensam o som não em sua estrutura melódica, mas em proposições que indicam ausência, fisicalidade, espacialidade, interrupção, silêncio, tempos alongados e outros motes integrados às ideias primordiais presentes em “Antes da Palavra”. Outra novidade da mostra é a joia feita com exclusividade pelo artista para a Fundação Iberê, à venda na loja do espaço cultural.

São mais de 30 anos trabalhando nos limites da figuração na pintura que o tornaram um dos maiores expoentes da chamada “Geração 80” e um dos artistas brasileiros mais importante na cena internacional contemporânea. O que veremos em “Antes da Palavra”?

Daniel Senise - São 23 telas que abrangem um período de desde o final dos anos 90 até agora, e mais uma instalação no Átrio da Fundação Iberê. Daniela Labra preparou ainda seis ações de artistas que trabalham com som para o período da mostra. São eles: Marcelo Armani, Ricardo Carioba, Raquel Stolf, Pontogor, Tom Nóbrega e Felipe Vaz.

Estás produzindo uma joia para ser lançada na exposição. Qual o significado dela?

Senise - É uma peça que corresponde ao inverso dos nichos das placas de concreto aparente presentes na fachada da Fundação. O objeto foi moldado em um nicho próximo à entrada da bela arquitetura de Álvaro Siza e se encaixará perfeitamente, funcionando como uma “chave de acesso” ao prédio.

Uma de suas obras mais impactantes é a “2.892”, que é a soma de pessoas que passaram pelos lençóis do INCA (2.430) e de um motel (462), concebida em 1992, mas exposta somente em 2011. Você pouco interferiu nesses lençóis, impregnados de memórias, de dor e de amor. O que pretendes despertar no público com esse ambiente branco, de concepção e de luto?

Senise - “2.892” respondia ao meu desejo de realizar uma obra que contivesse as instâncias que o meu trabalho abordava, mas de uma maneira que a sua execução não tivesse minha participação física. Em 1992 eu pintava há menos de 10 anos, e isso foi como um exercício de aprofundamento. Esse trabalho trata primordialmente de pintura e de como realizá-la com potência no final do século do modernismo e das vanguardas. A partida dele é o branco. Na instalação da Casa França Brasil a relação do espectador com a obra se dava em um percurso horizontal. No Iberê a obra será composta de 35 lençóis com o título “1.587”, que corresponde ao número estimado de pessoas que passaram nessas superfícies, e ocupará o vazio da arquitetura interna da Fundação em uma montagem vertical, se relacionando com a noção de ascensão e tudo mais que essa composição pode significar. O aspecto eloquente do silêncio desse trabalho é elaborado na curadoria da Daniela com a intervenção de artistas sonoros.



Desde a época da chamada “Geração 80” até agora, seu trabalho sofreu diversas modificações – de técnica, suporte e temas. É possível encontrar um fio condutor nessa trajetória?

Senise - No início eu usava tinta acrílica e tinha uma atitude meio neo-expressionista. Tinha acabado de arrumar um ateliê e começava a definir o que eu desejava em relação à pintura. Usava uma paleta econômica, quase não misturava as cores. Isso durou dois anos. A partir daí comecei com tinta a óleo e a superfície ficou mais complexa. Isso me levou a imprimir o piso do meu ateliê. Em 88 resolvi não usar mais a pincelada e trabalhar com algumas imagens chaves da história da arte. Desde sempre venho procurando responder ao mesmo problema, com ações e materiais variados.

Seus trabalhos já foram expostos nas melhores galerias, mostras, feiras e museus do mundo. O que você destacaria sobre o mercado das artes no Brasil e o que proporia para fomentar a cultura e incentivar novos artistas?

Senise - O mercado reflete a sociedade da qual ele faz parte. Para a cultura e a arte florescerem é necessário liberdade de expressão e igualdade social para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

No livro “Modernidade: arte brasileira do século XX”, o crítico Wilson Coutinho afirma que “a arte de Senise é, nos anos 80, um acontecimento que parece contornar uma situação-limite da pintura: como continuar produzindo algo de inesperado quando já não existe mais espera”. O que tu achas dessa afirmação?

Senise - Esse é o problema do pintor contemporâneo. Na verdade, é o problema de todos os artistas, mas principalmente do pintor, que lida com uma linguagem mais antiga, que tem mais história, tem uma seqüência. Na arte moderna a representação do mundo deixa de ser prioridade e a pintura passa a especular sobre sua natureza e seus fundamentos. Esse sistema de superação chega a um esgotamento. A união em torno de um programa que dava sensação de sentido aos impressionistas, aos expressionistas ou aos dadaístas acabou. Hoje pintar é um processo muito individual e o pintor precisa elaborar toda a complexidade do contemporâneo. Fazer uma isso de uma forma potente significa reinventar a linguagem da pintura.

Wesley Duke Lee

“A Zona: A vida e A morte” apresenta três fases que aconteceram simultaneamente para o artista, entre os anos 1963 e 1969.

31 de agosto a
27 de setembro
ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos,
das 14h às 19h

S E R V I Ç O



Um artista revolucionário

As palavras eram firmes, os traços, disciplinados. Wesley Duke Lee (1931-2010) só aceitava a pintura como um dom e a arte como um sistema de harmonia que necessitava de ordem. Foi a partir desses princípios que o artista paulista conduziu seu trabalho até 2010, ano de seu falecimento.

Filho de norte-americanos protestantes e conservadores, Wesley sofreu forte influência da avó. Pintora acadêmica, ela nunca lhe deu um pincel para “brincar”, mas a rigidez com que tratava a profissão foi para o neto uma inspiração.

Em 1951, Wesley Duke Lee iniciou os estudos no curso de Desenho Livre, do Museu de Arte de São Paulo (Masp). No ano seguinte, partiu para Nova York, onde acompanhou o início das manifestações da Pop Art, protagonizada por artistas como Andy Warhol, Robert Rauschenberg, Jasper Johns e Cy Twombly.

Nos EUA, estudou na Parson's School of Design (curso de Artes Gráficas) e no American Institute of Graphics Arts (curso de Tipografia).

De volta ao Brasil, em 1963, realizou o primeiro *happening* - evento espontâneo e de improvisação das artes visuais - do país, que ganhou, à época, o título de *O Grande Espetáculo das Artes*. A ação teve origem na irritação do artista por não conseguir expor a série *Ligas*, considerada excessivamente erótica e um manifesto contra a crítica.

Wesley não se censurava: foi adaptando sua arte até inventar um estilo particular. Para ele, a arte era um eterno processo de autoconhecimento. Não por acaso, se autodenominava um “artesão de ilusões”. Utilizava o experimentalismo para abordar a origem do homem, a sexualidade, o erotismo, a morte, entre outros temas.

Importante destacar também o Grupo REX. Da mesma forma que surgiu em 1966, desapareceu um ano depois. A origem desta cooperativa artística paulista relaciona-se ao episódio em que Wesley Duke Lee, Nelson Leirner e Geraldo de Barros retiraram suas obras da exposição coletiva *Propostas 65*, em protesto e em solidariedade ao artista Décio Bar, que teve alguns de seus trabalhos censurados pelo regime militar. Após o incidente, os artistas fundaram a galeria e publicaram o jornal *REX Time* para questionar e combater a mistificação da arte e o circuito que se formava em torno dela.

Experiência com LSD para criar

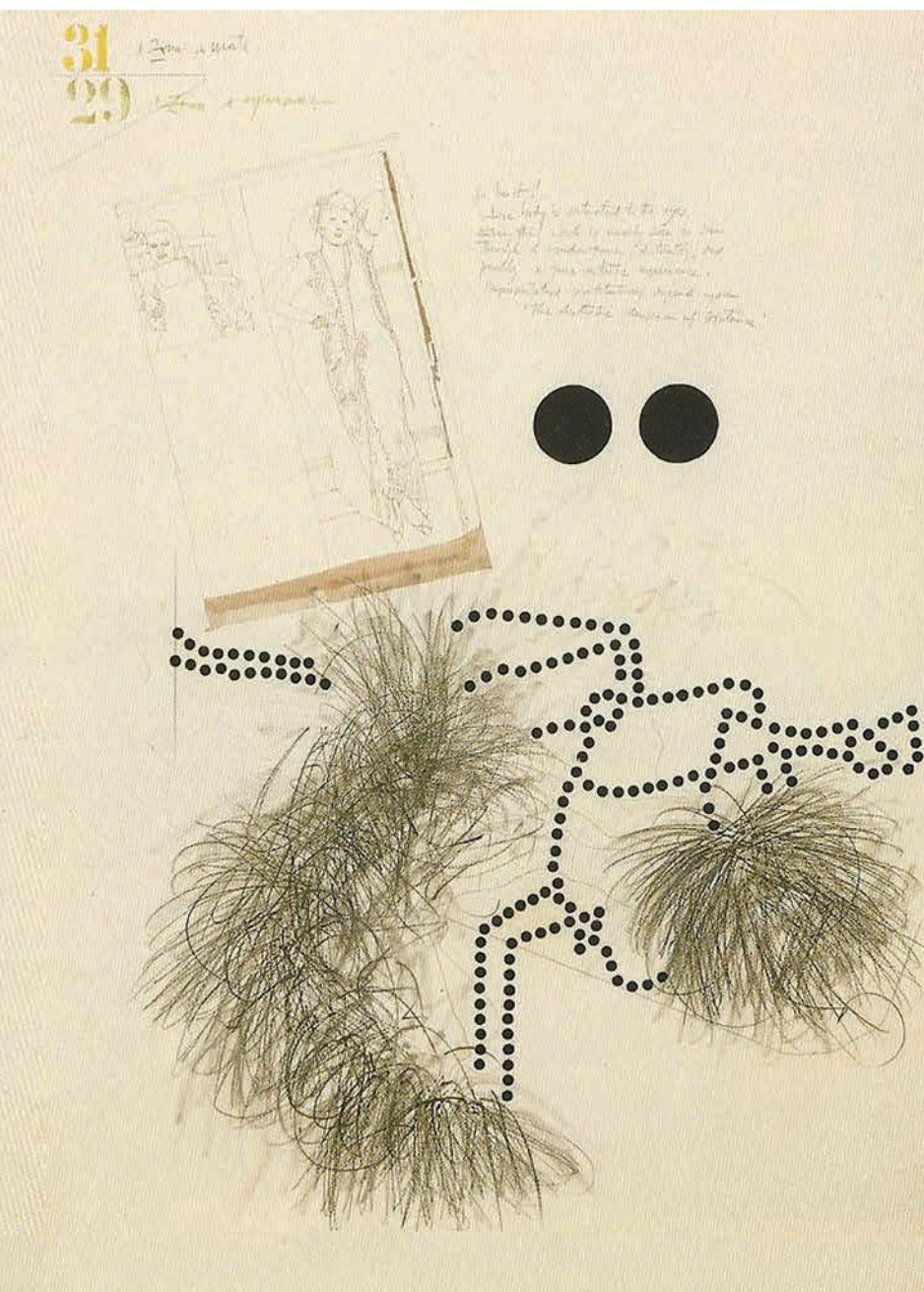
Com trabalhos expostos nas bienais de Veneza e de Tóquio, Wesley se dizia influenciado pelo movimento dadaísta, pela Pop Art e pela publicidade. Inquieto, ainda na década de 1960, foi um dos primeiros voluntários para testes sobre os efeitos do LSD, numa clínica em São Paulo. Tomava o ácido e se trancava numa sala para desenhar. Em 1964, essa experiência resultou na série *Lisérgica*, dotada de forte carga política contra o regime militar. Nesse mesmo ano, Wesley inicia *A Zona*.

Wesley foi professor de uma geração que inclui Carlos Fajardo, José Resende e Luiz Paulo Baravelli, que, em 1970, fundou a Escola Brasil, um projeto ancorado na ideia de que o aprendizado da arte passa, sobretudo, pela experiência no interior de ateliês, e não pelo ensino formalizado de história, técnicas e métodos, como prescrito pelas escolas de arte tradicionais.

Nos anos 1980, trabalhou no Centro de Reprodução Xerox, em Nova York, incorporando fotocópia, polaróide, vídeo e computação gráfica ao seu trabalho. Essa habilidade para transitar em diversos meios, do nanquim à pintura por computador, renderiam a ele a referência de pioneirismo na renovação da arte contemporânea nacional.

Em seus últimos anos, Wesley Duke Lee sofreu do Mal de Alzheimer. O artista faleceu em setembro de 2010, aos 78 anos de idade, vítima de complicações respiratórias decorrentes de sua doença. Sua arte, contudo, permanece viva.

Um dos desenhos da série "Jean Harlow - A Zona: a vida e a morte"



“O que realmente me interessa é a qualidade da ilusão. Se você conseguir atravessar o espelho e tiver a coragem de olhar para trás, você não vai ver nada.

WESLEY DUKE LEE

#Selfie

Iberê em
modo retrato

A exposição #Selfie: Iberê em modo retrato, traz um recorte de 13 fotos para documentos do artista e 36 retratos e autorretratos - desenhos, pinturas e gravuras -, entre eles da mãe Doralice Bassani Camargo, Xico Stockinger, Vasco Prado, Sivuca e Adriana Calcanhotto.



Foto: Acervo da Fundação Iberê

SELFIE. Em 2013, essa foi eleita a palavra do ano pelo dicionário britânico de Oxford, que deu ao termo a seguinte definição: “uma fotografia que a pessoa tira dela mesma, tipicamente com um smartphone ou webcam, carregada em um site de mídia social”.

A primeira selfie foi feita em 1839, pelo metalúrgico Robert Cornelius, pioneiro na fotografia dos Estados Unidos. Na época, os autorretratos eram o tipo mais comum de fotografias, compreendendo um número estimado de 95% dos daguerreótipos sobreviventes. Na pintura, se afirmou no século 14 e passou a ocupar um lugar de destaque na arte europeia, atravessando diferentes escolas e estilos artísticos. A difusão da retratística acompanhava os anseios da corte e da burguesia urbana de projetar suas imagens na vida pública e privada. Paralelamente aos retratos realizados sob encomenda, e a outros concebidos com amigos e familiares, os artistas produziam uma profusão deles que funcionavam como meio de exercitar o estilo, como instrumento de sondagem de estados de espírito e também como recurso para a tematização do ofício.

Nos estudos sobre autorretrato não se escapa da ideia do espelho, nem do mito de Narciso. Atribui-se ao desenvolvimento da indústria do vidro em Veneza o refinamento da técnica de fabricação de espelhos, que permite à pintura, a partir do século 15, fixar o gênero. Seja o espetacular autorretrato de Dürer que, em 1500, pinta-se como o Cristo, seja mais adiante e durante toda a vida produtiva do pintor a série de Rembrandt, que, ao monumentalizar as formas de representação do artista na tela, são a história do ofício de pintar.

Também é intrigante a observação do autorretrato triplo (1646) de Johannes Gump. De costas para o espectador, o pintor tem à sua esquerda o espelho em que se contempla e, diante de si, a tela em que se pinta. Como uma espécie de busca da tridimensionalidade, a pintura de Gump marca o legado de uma inquietação que jamais abandonou os pintores.

Iberê Retrartista

Ao longo da vida, Iberê Camargo criou diferentes representações de si mesmo. Pintava-se sob um olhar interior que o mostrava como uma máscara, um enigma, o arquétipo da insondável natureza do homem. “Pinto porque a vida dói”, costumava dizer o artista.

Para ele, “[...] Retratar-se revela narcisismo, todos os pintores o são. Na sucessão de minha imagem no tempo, ela se deteriora como tudo que é vivo e flui. Muitas vezes, me interroguei diante do espelho. No passar do tempo, nos transformamos em caricaturas”.

A selfie é, portanto, a forma mais expansionista de autoexpressão visual, quer você goste ou não. É algo especialmente fascinante como o ato de retratar a si mesmo tenha sobrevivido a tantas passagens, transformações e movimentos que a arte atravessou em sua história.

A selfie traduz a vitória da imagem sobre o conteúdo. A selfie almeja o ideal de perfeição digno de registro sem expor o processo de construção da imagem final, ao mesmo tempo em que se torna uma ironia por utilizar recursos que forjam a realidade proposta, criando um padrão trans-humano que se nutre da tecnologia como matéria-prima, o retrato da era digital.

Iberê produzindo um retrato de Vasco Prado. Foto: Luiz Eduardo Achutti



Sentado num dos primeiros bancos do ônibus número 15, Praça São Salvador-Rio Comprido, vejo surpreso, e logo com crescente espanto, minha imagem refletida no retrovisor, com traje e movimentos que não são meus. Para afastar a possibilidade de uma alucinação, faço, como prova, exaustivos gestos propositadamente exagerados, que a imagem refletida não repete.

- Um sócio? Mas esse é semelhante, jamais idêntico.

Meu desassossego, meu espanto crescem.

O outro, com roupa e movimentos diferentes, permanece tranqüilo, impassível, alheio à minha presença e parece nem se importar em ser réplica.

- Ele não me terá visto? Impossível, estamos próximos. Ele talvez ocupe um assento à minha frente. Não sei.

A idéia do indivíduo de ser dois apavora.

Já agora preso de um terror incontrolável, sô a campanha do coletivo e desço precipitado, sem olhar para trás, sem querer ousar localizá-lo: falta-me coragem para ver o outro que vive fora de mim.”

IBERÊ CAMARGO
Porto Alegre, 4 de março de 1994





A arte de Xadalu: uma manifestação contra as desigualdades

Ser artista exige muito mais que talento. É preciso resignação e coragem para expor as fragilidades sociais por meio da beleza. O impacto pode levar a uma nova percepção, à conscientização de um sentimento, fato social, político, humano ou ambiental. Esta característica da arte é gritante no trabalho do artista visual Dione Martins, o Xadalu que, recentemente, abriu a Residência Artística 2019, no Ateliê de Gravura da Fundação Iberê.

Inspirada na mitologia Guarani Mbya, *Cosmovisão* é uma série de três obras de Xadalu, resultado de sua imersão em aldeias localizadas entre os perímetros territoriais do Brasil e da Argentina. Lá traçou diálogos com habitantes e sábios da cultura local sobre cosmologia guarani, deuses, dimensões, contos, sonhos e animais mitológicos, fazendo contraponto ao estilo de vida contemporâneo das aldeias. “Em cada aldeia por onde passo tento deixar um pedaço de meu coração. E no lugar desse vazio trago os amores e as dores de uma cultura linda e sofrida, quase destruída, mas ainda resistente e persistente. Me sinto como o jabuti, o mensageiro que leva e traz a informação”, diz no livro “Xadalu - Movimento Urbano”¹.

Para André Venzon, diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, “Xadalu denuncia a destruição da cultura indígena e, tal como um Quixote dos nossos tempos, tem a loucura do homem que vê, é sensível e luta pelas causas sociais e ambientais. Sua atuação cidadã tem papel crucial no advento da cidade criativa, pois, a ela, leva

uma arte democrática, facilmente disponível, que está por todos os lados e para todos os públicos, simplesmente urbana, necessária e contemporânea.”¹

De catador de lixo a artista internacional, o gaúcho de Alegrete Dione Martins tem sangue indígena: sua trisavó materna era guarani. Aos 12 anos mudou-se para Porto Alegre com a mãe, a avó e a irmã. Viveram na comunidade da Vila Funil ganhando a vida como catadores de lixo. “Eu tinha uma carroça que ia puxando pela rua, minha mãe ficava numa calçada e minha avó na outra, as duas revirando o lixo.” Na adolescência descobriu a pichação, e, em suas andanças, acabou conhecendo índios que pediam dinheiro nas ruas. A empatia foi imediata, tanto pela ascendência quanto por achar que, como eles, vivia à margem da sociedade.

Esse momento foi crucial. Em 2004, Dione ascendeu com as imagens de um indiozinho, batizado por ele de Xadalu, coladas pelas ruas da Capital. Com ele a luz às causas sociais e ambientais. Hoje, o personagem está presente em mais de 60 países, nos quatro continentes, fazendo parte de um cenário mundial da arte urbana contemporânea.

Para o crítico de arte Paulo Herkenhoff, a arte de Xadalu não vai mudar o mundo, mas pode alterar nosso olhar: “Para entender o artista examine-se a etimologia do termo solidariedade - do latim solidus, inteiro, consistente. Nele, solidariedade é a responsabilidade recíproca num meio social, de pessoas que criam relações de trocas simbólicas e sob vínculos estéticos e éticos, remuneradas de modo justo. Não é salário, mas colaboração. A esta arte chamo de diagramas de sociabilidade. Xadalu não fica à espera por mudanças na sociedade, mas busca agenciar sua potência para agir na escala individual - não se move por impotência; reconhece a pequena medida de suas possibilidades, sem submergir à onipotência. Seus riscos e dúvidas movem sua pulsão de vida no contexto de um contrato social solidário da arte”.

¹ Livro Xadalu - Movimento urbano. Autores: Aduany Zimovski, Carla Joner, Dione Martins (Organizadores). 1ª Edição. Porto Alegre. Joner Produções. 2017
Livro em PDF: http://jonerproducoes.com.br/wp-content/uploads/2017/04/jonerproducoes_livro_xadalu.pdf



58ª Bienal de Veneza

“May You Live In Interesting Times” pode ser visitada até o dia 24 de novembro

O título da Bienal de Veneza 2019 evoca a ideia de tempos desafiadores e até ameaçadores. Para esta edição da mais antiga bienal do mundo, o curador norte-americano radicado em Londres, Ralph Rugoff, elegeu como mote o dúbio provérbio chinês “Que você viva em tempos interessantes” (*May you live in interesting times*) para reunir, na mostra central, obras de 83 artistas. As temáticas abordadas orbitam em torno de tópicos que vão das fake news à crise dos refugiados, da questão climática ao levante global do conservadorismo.

Os artistas escolhidos por Rugoff são uma mistura de consagrados e outros mais emergentes como, Carol Bove, Dominique Gonzalez-Foerster, Hito Steyerl, Jesse Darling, Njideka Akunyili Crosby, Otobong Nkanga, Rosemarie Trockel, Teresa Margolles e Zanele Muholi. O mais novo é o lituano Augustas Serapinas, nascido em 1990, enquanto o mais velho é o norte-americano Jimmie Durham, de 1940.

Se os Estados Unidos são o país mais representado, a China está com seis artistas. Para Argélia, Gana, Madagascar e Paquistão, esta é a primeira vez na Bienal. O Brasil não foi convidado para a mostra, mas o curador espanhol Gabriel Pérez-Barreiro, responsável pela mais recente Bienal de São Paulo, em 2018, chamou os artistas Bárbara Wagner e Benjamin de Burca para ocuparem o Pavilhão Brasileiro, no Giardini,

com “Swinguerra”. O filme acompanha os ensaios das três companhias, que têm entre os bailarinos trans e gays negros, e reflete as tensões sociais no país. São corpos autorregulados que organizam-se entre si para executar coreografias, cuja complexidade e precisão dos gestos oscilam entre o swing e a rigidez, a dança e a batalha.

Também chama a atenção nesta Bienal a presença de mais mulheres do que homens. Dos 83 artistas, 42 são mulheres, 38 homens e três que não se identificam com nenhum dos dois gêneros. Elas ocupam 17 pavilhões, representando países como, Arábia Saudita, Austrália, Áustria, Escócia, França, Irlanda, Reino Unido, Suíça.

A 58ª Exposição Internacional de Arte é uma vitória contra o preconceito ao ocupar tantos espaços na mesma edição em que o artista Georg Baselitz é homenageado na Gallerie dell'Accademia. Em 2013, Baselitz deu uma declaração machista à publicação alemã Der Spiegel sobre a ausência de mulheres artistas no topo do mercado: “A mulher não pinta muito bem. Isso é fato e, obviamente, há exceções. Agnes Martin ou Paula Modersohn-Becher. Eu me sinto feliz quando vejo uma de suas pinturas. Mas não é um Picasso, um Modigliani ou um Gauguin.”

Mais informações da Bienal de Veneza no link <https://www.labiennale.org/en/art/2019>

S E R V I Ç O

12 de outubro a
24 de novembro
ENTRADA FRANCA
Quartas a domingos,
das 14h às 19h

33ª Bienal de São Paulo em Porto Alegre

Foto: Bienal de São Paulo



Foto: Bienal de São Paulo

A **Fundação Iberê**, em parceria com a **Fundação Bienal de São Paulo**, promove em outubro uma das etapas do **Programa de Mostras Itinerantes da 33ª Bienal de São Paulo – Afinidades Afetivas**, realizada entre setembro e dezembro de 2018. Em Porto Alegre, serão apresentadas cerca de 40 obras dos artistas **Alejandro Gorujeira, Ana Prata, Andrea Büttner, Antonio Ballester Moreno, Bruno Dunley, Bruno Moreschi, Sofia Borges e Waltercio Caldas**.

As itinerâncias foram concebidas pelo curador convidado, Jacopo Crivelli Visconti, como novas experiências em relação ao projeto original elaborado pelo curador geral da mostra, Gabriel Pérez-Barreiro. Em 2017, a 32ª Bienal percorreu 13 cidades, sendo duas no exterior, e recebeu um público total de 650 mil visitantes. Para este ano foram firmadas parcerias inéditas com a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer do Governo do Espírito Santo (ES), o Museu Nacional (DF), a Fundação Iberê (RS) e o Museo de Antioquia, em Medellín (Colômbia). Também foram renovadas parcerias com o Sesc SP, a Fundação Clóvis Salgado (MG) e o Museu de Arte Murilo Mendes (MG).

“A Bienal de São Paulo é um patrimônio cultural de todo brasileiro. Além das exposições, a iniciativa inclui ações educativas e de difusão, estando alinhada à missão da Fundação de integrar cultura e educação à vida cotidiana.

JOSÉ OLYMPIO DA VEIGA PEREIRA
Presidente da Fundação Bienal



Sesta, de Carlos Scliar

Grupo de Bagé

A Fundação Iberê vai homenagear o Grupo de Bagé com uma exposição no encerramento deste ano. De agosto até a abertura da mostra, serão realizadas diversas atividades gratuitas sobre a história de um dos principais movimentos artísticos do país. O grupo foi criado em meados de 1940, por quatro jovens que tinham a necessidade de expressar seus traços e pensamentos sobre o mundo e a própria vida. Eram eles Carlos Scliar, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Danúbio Gonçalves.



O Prêmio Pablo Picasso foi concedido aos Clubes de Gravura de Porto Alegre e Bagé pela sua coleção de obras em defesa da paz e da cultura. Foi o coroamento do trabalho político que fazíamos e foi, ao mesmo tempo, sem nos darmos conta, o fim de uma linha de trabalho.

CARLOS SCLIAR

PROGRAMAÇÃO

10.08 | 16h | Auditório

Exibição do Documentário "Grupo de Bagé" seguido de bate-papo com o diretor Zeca Brito

31.08 | 15h | Auditório

Seminário A participação do Grupo na Revista Horizonte e Reverberações do Clube de Gravura

14.09 | 15h | Ateliê de Gravura

Oficina de Xilogravura

28.09 | 16h | Auditório

Documentário "Glauco do Brasil" seguido de bate-papo com o diretor Zeca Brito

19.10 | 15h | Auditório

Encontro com os alunos de Danúbio Gonçalves

26.10 | 15h | Auditório

Oficina de Gravura para Crianças

02.11 | 16h | Auditório

Documentário "Danúbio" seguido de bate-papo com o diretor Henrique de Freitas Lima

30.11 | 14h | Auditório

Abertura da exposição Grupo de Bagé

30.11 | 17h | Auditório

Sarau de Literatura Modernista

13.12 | 16h | Auditório

Documentário "Bianchetti", do diretor Renato Barbieri

Cine Iberê

O Cine Iberê exibe quatro sessões comentadas de filmes que dialogam com as exposições em cartaz na Fundação Iberê. A curadoria é da produtora de cinema e artes visuais, Marta Biavaschi. A entrada é gratuita e por ordem de chegada.

////////////////////////////////////

Diálogo com Selfie: Iberê em modo retrato

28.07 | 16h | Auditório

HISTÓRIAS DA INSÔNIA

Jonas Mekas, 1h 51min, 2011, EUA

Sessão comentada com Rafael Valles, pesquisador, documentarista e docente nos cursos de Cinema e Audiovisual e Animação na UFPel.

O filme é uma jornada insone com Jonas Mekas pelas noites de Nova Iorque, em casas de amigos, ateliês de artistas, galerias de arte, bares, clubes e no palco.

////////////////////////////////////

Diálogo com Antes da Palavra

04.08 | 16h | Auditório

DANIEL SENISE: A CONSTRUÇÃO DA AUSÊNCIA

Cacá Vicalvi, 53 min, 2002, Brasil

Sessão comentada com Virginia Aita, curadora e pesquisadora em Filosofia, Estética e Crítica de Arte.

O filme aborda os problemas da pintura na cultura contemporânea. Uma parte foi gravada no ateliê do artista Daniel Senise, em Nova Iorque, como um retrato de seu processo de criação. Outra parte foi gravada no Rio de Janeiro, durante uma de suas aulas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde estudou e foi professor.

////////////////////////////////////

Diálogo com Duke Lee - A Zona: A vida e A morte

1º.09 | 16h | Auditório

A ÚLTIMA VIAGEM DE ARKADIN D'Y SAINT AMÉR

Cacilda Teixeira da Costa e Sérgio Zeigler, 18 min, 2006, Brasil

Sessão comentada com crítico e historiador de arte Eduardo Veras.

Um retrato em três atos do artista Wesley Duke Lee. O poeta Zuca Sardan narra as aventuras de Arkadin D'Y Saint Amér, alter ego do pintor. Um documentário sobre as contradições e os conflitos de um artista, cuja obra teve sua plenitude nos anos 1960 – eterno "enfant terrible".

Foto: Wesley Duke Lee Art Institute





Pausa para o café

O **Café Iberê** é um lugar privilegiado que tem o **prédio de Álvaro Siza, o Guaíba e o pôr do sol como cenários para reunir amigos**. Com horário de atendimento ampliado, agora o espaço oferece um novo cardápio. De quarta a sexta, serve o “prato do dia” no almoço, preparado pela **chef Mariana Ramos de Castilhos**. Aos sábados e domingos, tem opções variadas.

“Nossa proposta é um cardápio simples, mas à altura da beleza do prédio e da vista para o Guaíba, bem como das exposições. Pensamos num espaço onde as pessoas sintam-se em casa”, diz Mariana.

CAFÉ IBERÊ
Funcionamento: quarta a
domingo, das 12h às 19h



Símbolo, signo, personagem – o carretel –, brinquedo da minha infância e agora, nesta fase, tema da minha obra, está impregnado dos conteúdos do meu mundo”.

IBERÊ CAMARGO

No final da década de 1950, devido a uma hérnia de disco, Iberê foi obrigado a trabalhar quase que exclusivamente em seu ateliê. Acostumado a pintar as ruas e as vielas do Rio de Janeiro, o artista precisou escolher novos motivos para seu trabalho. Inicialmente, pintou composições com garrafas e frutas, incluindo posteriormente o carretel.

A série dos Carreteis, iniciada em 1958, marcou uma fase de transição na obra do artista. Foram 20 anos trabalhando diferentes composições formadas apenas por este objeto.

Mais de 60 anos depois, o “brinquedo de infância” ganha novas formas: a MINERAL acaba de lançar uma edição limitada do banco/mesa Carretel, um móvel descolado e minimalista para ambientes contemporâneos, à venda na loja da Fundação Iberê.

Os carreteis de Iberê





Jorge Gerdau Johannpeter, Nelson Marchezan Júnior e Jayme Sirotsky



Rodrigo Vontobel e Arthur Bender



Ingrid de Kroes, Thomas Herrmann e Laura Malcon



Ana Espindola, Marina Sirotsky, Jaqueline Testa, Cecilia Schiavon, Caroline Kreling, Giovanna Stefani



Patrick Luchese e Livia Bortoncello



Maurício Harger e Nelson Marchezan Júnior

Noite de celebração

No dia 16 de maio, a Fundação Iberê recebeu conselheiros, diretores, empresários e sócios do Clube Iberê para um *preview* da Spider, da artista francesa Louise Bourgeois. Depois de dois meses de permanência na Instituição, a famosa aranha pertencente à Coleção do Itaú Cultural continua a circulação pelo Brasil. A próxima parada será em Curitiba.



Renato e Laura Malcon e Livia Bortoncello



Gustavo Federizzi, Tânia Nascimento e Jorge Audy

APP IBERÊ

Conecte-se com a arte!



Baixe agora e conheça mais
DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD NO ANDROID



CALENDÁRIO
DE EXPOSIÇÕES
E ATIVIDADES



CONTEÚDO
INTERATIVO



INFORMAÇÕES
E SERVIÇOS

PROGRAMAÇÃO

AGENDA DA FUNDAÇÃO IBERÊ

DE JULHO A SETEMBRO DE 2019



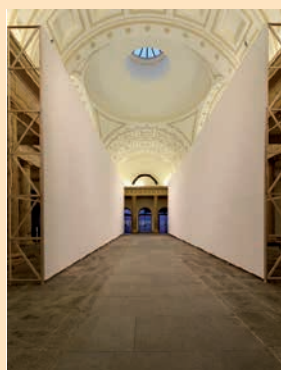
#Selfie: Iberê em modo retrato

Iberê Camargo

Local: 3º e 4º andares
(Recomenda-se começar pelo 4º andar)

Visitação: 6 de julho a 25 de agosto

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Antes da Palavra

Daniel Senise

Local: Átrio, 2º e 3º andares

Visitação: 3 de agosto a 29 de setembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



A zona: A vida e A morte

Wesley Duke Lee

Local: 4º andar

Visitação: 31 de agosto a 27 de outubro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



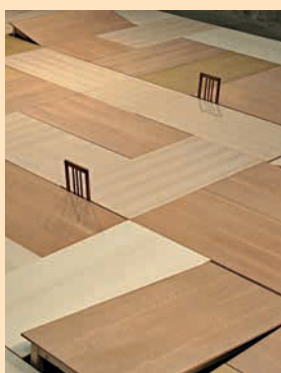
Bienal de São Paulo

Itinerância

Local: 3º andar

Visitação: 12 de outubro a 24 de novembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Território Oscilante

José Bechara

Local: Átrio e 2º andar

Visitação: 12 de outubro a 15 de dezembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre



Grupo de Bagé

Local: 3º e 4º andares

Visitação: a partir de 30 de novembro

ENTRADA FRANCA
Classificação indicativa: Livre

Recital da Série Música de Câmara da Ospa

Local: Auditório da Fundação Iberê | **Datas:** 21 de julho, 22 de setembro, 27 de outubro | **Horário:** 16h

ENTRADA FRANCA Classificação indicativa: Livre



A FUNDAÇÃO IBERÊ
REALIZA SEUS PROJETOS
ATRAVÉS DE LEIS DE
INCENTIVO À CULTURA.
EM 2019, AGRADECEMOS
O IMPORTANTE
PATROCÍNIO E APOIO DAS
EMPRESAS PARCEIRAS.

PROGRAMA EDUCATIVO



EXPOSIÇÕES



GRUPO GPS

PROGRAMA ATELÊ DE GRAVURA



PROGRAMA IBERÊ NAS ESCOLAS



Prefeitura
de Porto Alegre

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

APOIO



BarraShoppingSul
Muito mais

STIHL

SULGAS

dil financial solutions
partner

REALIZAÇÃO

Fundação Iberê

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



DOADORES: INSTITUTO LING - DIGICON - PERTO **CLUBE IBERÊ | PATRONOS:** JORGE GERDAU JOHANNPETER - OLGA VELHO
CLUBE IBERÊ | SOCIOS: ANA LONGEMANN - ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO - BEATRIZ JOHANNPETER - BETH LOGEMANN - CAROLINE KRELING - CECILIA SCHIAVON
DULCE HELENE GOETTENS - GLAUCIA STIFELMAN - JOSÉ LUIZ DE MELO CANAL - MAIRA CALEFI - MARIANA RECK HERTZ - PATRICE GAIDAINSKI - PATRICK LUCHESE - SILVANA ZANON
PARCEIROS: MACHADO TI - PLAZA SÃO RAFAEL HOTEL - TRADIÇÃO - ISENID